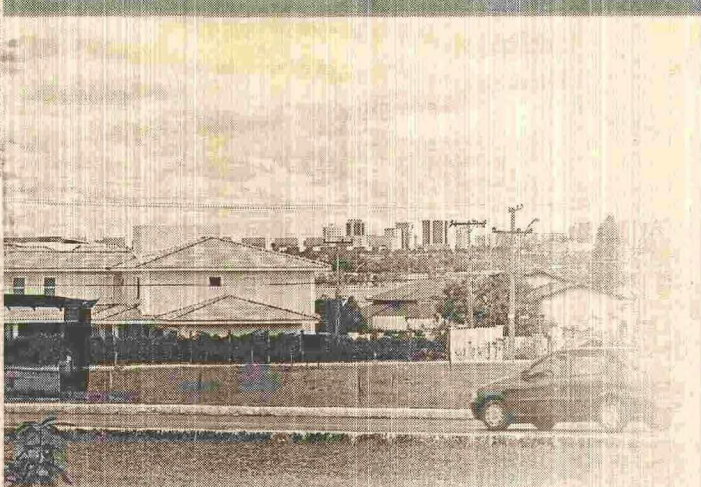


Gilberto Alves/CB/19.4.06



2006



Leandro Calvo/CB/21.1.80

1980

Num dos locais mais privilegiados de Brasília sobrevoa a ameaça da violência, mas lá ainda é bom

Briga para manter a qualidade

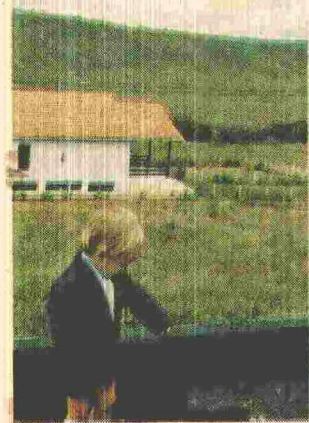
DA REDAÇÃO

Exatamente no cruzamento da rua Montenegro com a rua Prudente de Moraes, uma casa se destaca por não ter cerca e por nunca ter sido assaltada. Não se trata de uma exceção no Rio de Janeiro, mas de Brasília. Em meio às QIs e QLS do Lago Norte, a fonoaudióloga e terapeuta familiar Mara Neubarth, 70 anos, preserva a lembrança carioca na residência em que veio morar há 28 anos, quando deixou o Rio. “A gente morava em Ipanema, no cruzamento dessas ruas, onde tinha tudo. Comprei esta casa pronta quando o Lago Norte não era nada. As minhas filhas, na época adolescentes, reclamavam muito”, conta. A cidade brasiliense, que em 1978 era uma “lama só”, transformou-se. Nela, 23 mil moradores têm escolas, academias, restaurantes e bancos perto de casa.

“Tudo que posso, faço no Lago Norte: conserto pneu, vou à banca de jornais, à livraria, ao banco, compro flores, peço remédio pelo telefone. Faço tudo aqui”, comenta a terapeuta, que até cogitou abandonar Brasília para viver mais perto da família no Rio de Janeiro. A idéia deixou de ser uma possibilidade, quando Mara comprou as duas cidades. “Tive uma proposta para vender a casa. Pensei em voltar para o Rio. Resolvi listar as pessoas e as benesses de lá e daqui. Em Brasília, eu tenho quatro vezes mais amigos. Amigos do tipo que você encontra na rua e tem o prazer de abraçar. A amizade aqui é mais forte. Se você não tem família, tem que ter amigos. Além disso, gosto muito dos serviços daqui”.

Na rua onde mora, Mara conhece todos os vizinhos. Alguns são grandes amigos. Todas as casas do conjunto são cercadas por grades e muros, e muitas já foram assaltadas. “As pessoas estão mudando muito da minha rua. Acho que é pelo medo da violência. O pessoal reclama tanto. Não sei por quê”.

Arquivo Pessoal



O neto de Mara, em foto de 1981, no bairro quase deserto

era apenas cerrado. “Eu descia com as crianças e no fim da rua tinha um riozinho, com uma pinguela. Pra gente era como um piquenique”, lembra. O Varjão, assim como o Lago Norte, cresceu rapidamente e hoje possui mais de 7,5 mil habitantes. Muitos desses moradores encontram emprego no bairro de classe média vizinho. “Uma das vantagens do Varjão é encontrar mão-de-obra. Não é só bondade, é facilidade também. Eu digo para a minha empregada: você é mais barata para mim.”

O esqueleto

Adepta da alimentação natural, quando sai para comer fora, Mara costuma ir à Quituart, feira onde os moradores do bairro vendem, há mais de 15 anos, artesanato e roupas, além de oferecerem pratos internacionais e tipicamente brasileiros. Apesar de não frequentar shoppings, a terapeuta acha uma boa iniciativa a construção do Península Shopping, que oferece mais opções de alimentação. Além disso, o novo centro comercial passou a atender o público desprezado por um projeto que se arrastou por 10 anos e acabou transformando-se em uma grande obra abandonada. “Esse esqueleto é uma coisa muito feia. Toda vez que trago uma pessoa ligada em beleza, ela comenta: Como vocês admitem isso? Não vejo solução.”

Mara também se incomoda com as tentativas de construção em uma área pública no outro extremo da península. A pedido das so-roptimistas do Lago Norte, o governo teve de cercar o terreno ao lado do clube do Congresso para evitar invasões. “A gente quer preservar. Já teve todo tipo de coisa horrível aqui. Já houve construtoras tentando construir. O que evitamos é que virasse obra”, indigna-se.

O maior problema do Lago Norte para ela, no entanto, é o fato de só existir uma única entrada e saída na península. Com o crescimento dos Centros de Atividades, os chamados CAs, conjuntos de blocos entre o Lago Norte e o Varjão, a tendência é que o fluxo de veículos aumente. “É impressionante isso aqui. Uma pessoa comentou comigo: tudo que se constrói, vende. A entrada do Lago é uma só. A gente vai ter mais acidente, mais trânsito. A construção de uma nova ponte na (quadra) oito desafogaria a saída aqui pra gente”, prevê. Nos Centros de Atividades, proliferam prédios residenciais, divididos em quinetes e lofts. O comércio acompanha a expansão.

Fotos: Patrick Grosner/Especial para o CB/17.4.06



Mara Neubarth chegou ao Lago Norte há 28 anos. Sua casa não tem cerca, coisa rara na região. E, mais raro ainda, não foi assaltada. Como os demais moradores, ela teme que o surgimento dos centros de atividade traga muito movimento e risco à comunidade